

AFILIAÇÃO CULTURAL E MOTIVAÇÃO: UM OLHAR SOBRE A APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS DAS TRADUTORAS VOLUNTÁRIAS NO RAKUTEN VIKI

CULTURAL AFFILIATION AND MOTIVATION: A GLANCE AT THE FOREIGN LANGUAGES LEARNING BY VOLUNTEER TRANSLATORS ON RAKUTEN VIKI

Recebido: 28/03/2023

Aprovado: 06/06/2023

Publicado: 31/07/2023

DOI: 10.18817/rlj.v7i1.3209

Marcia Silva¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-6504-2127>

Izidio Dias de Carvalho Junior²

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-1857-5641>

Resumo: O processo que envolve a aprendizagem de uma língua estrangeira é muito mais complexo do que pensamos e envolve diversos fatores que podem facilitar ou dificultar a jornada dos(as) aprendizes. Tendo isso em mente, o presente trabalho objetiva lançar um olhar sobre dois dos fatores que estão diretamente envolvidos no intrincado desenvolvimento linguístico em línguas estrangeiras: a afiliação cultural e a motivação. Para tanto, usamos relatos de experiências de aprendizes de línguas que são atuantes em uma comunidade de tradutores(as) voluntários(as) chamada *Viki*. O intuito principal é investigar de que forma a afiliação cultural e o voluntariado podem auxiliar ou contribuir para a motivação delas no processo de aprendizagem de línguas estrangeiras. Os resultados demonstram que as participantes se sentem motivadas por fatores intrínsecos e extrínsecos para aprender uma língua.

Palavras-chave: aprendizagem; comunidade; afiliação cultural; motivação; línguas estrangeiras.

Abstract: The process that involves learning a foreign language is much more complex than we think and involves several factors that can facilitate or hinder the learners' journey. Bearing this in mind, the present work aims to take a look at two of the factors that are directly involved in the intricate linguistic development in foreign languages: cultural affiliation and motivation. To do so, we will use experience reports from language learners who are active in a community of volunteer translators called *Viki*. The main purpose is to investigate how cultural affiliation and volunteering can help or contribute to their motivation in the process of learning foreign languages. The results show that the participants feel motivated by intrinsic and extrinsic factors to learn a language.

Keywords: learning, community, cultural affiliation, motivation, foreign languages.

¹ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia e Mestre em Estudos Linguísticos pela mesma instituição, com estágio de pesquisa como "visiting student" na Universidade de Alberta, Canadá. Graduada em Letras português e inglês pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Goiatuba. Atualmente, é professora na Universidade Estadual de Goiás, no curso de Letras, e coordenadora do Grupo de Estudos em Linguística Aplicada e Ensino-avaliação-Aprendizagem de Línguas onde desenvolve pesquisas na área de tecnologias digitais e avaliação da aprendizagem. E-mail: marciasilva@ueg.br

² Graduado em Letras - Português/Inglês (2019) pela Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Iporá e Pós-Graduado em Letramento, Produção de Sentidos e Escrita (2022) pela mesma instituição. Enquanto bolsista de Iniciação Científica, desenvolveu pesquisas sobre: tecnologias digitais e o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. Atua como professor de Língua Inglesa na Oaktree English School desde 2018 e também atuou como monitor/professor voluntário de Língua Inglesa nos níveis básicos I, II e III (2017-2 / 2019-1) no Centro de Idiomas da UEG de Iporá. Tem interesse na área de Linguística Aplicada, tendo como foco de pesquisa: ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras; aquisição de segunda língua; motivação; bilinguismo e poliglotismo; interculturalidade e aspectos culturais. Atualmente é membro do Núcleo de Estudos em Linguística Aplicada Crítica (NELAC). E-mail: izidiojunior18@gmail.com

Considerações iniciais

Aprender uma segunda língua é considerado, segundo muitos estudiosos da área, um processo complexo e que envolve fatores de caráter linguístico, psicológico, econômico, profissional, social, cultural e diversos outros. Esses fatores podem se manifestar em qualquer estágio da aprendizagem e podem, direta ou indiretamente, alavancar, desacelerar ou até mesmo travar completamente o ritmo de aprendizagem do idioma estrangeiro por parte do(a) aprendiz.

Considerando a diversidade de fatores que podem ser relacionados à aprendizagem de línguas estrangeiras, faremos menção apenas aos que contribuirão diretamente com o desenvolvimento da nossa pesquisa. Em específico, discorreremos sobre a questão da afiliação cultural e da motivação como elementos que podem ser vinculados ao desejo de se aprender um idioma estrangeiro, ao interesse em saber mais sobre a cultura do outrem e/ou ao consumo de produções culturais (séries, filmes, livros etc.) oriundos de outros países.

O conceito de “afiliação cultural” que usaremos como precursor deste trabalho é o proposto por Paiva, no qual ela faz uso do termo com a ideia de “identificação com a língua e/ou com os participantes de uma comunidade de fala” (2014, p. 61). A pesquisadora propõe esse termo em substituição ao que Schumann chama de “aculturação”. Schumann define aculturação como “a integração social e psicológica do aprendiz com o grupo da língua-alvo” (SCHUMANN, *apud* PAIVA, 2014, p. 87).

Para Paiva, “o conceito de aculturação é muito forte e parece sugerir que a aprendizagem de uma língua implica a perda da identidade, preço demasiado alto para a ASL³” (2014, p. 64). Mas a pesquisadora não ignora a ideia de que quanto mais o aprendiz está interessado em se vincular à outra cultura, mais progresso ele fará na sua jornada de aquisição, mas também ressalta que não podemos focar apenas nos quesitos de integração social e psicológica e descartar outros fatores intrínsecos à aquisição (PAIVA, 2014, 64).

No que tange a motivação, Dörnyei e Ushioda (2011) dizem que não há um consenso entre teóricos da área sobre uma definição que abranja todas as nuances da motivação, pois, segundo eles, o termo apresenta uma complexidade que torna difícil sua conceituação. O que sabemos é que a “motivação é responsável pelo motivo pelo qual as pessoas decidem fazer alguma coisa, por quanto tempo estão

³Sigla para “Aquisição de Segunda Língua”.

dispostas a continuar com a atividade e qual será o esforço empreendido nela”⁴ (DÖRNEY e USHIODA, 2011, p. 4).

A partir do exposto, propomos, então, investigar uma comunidade de tradutoras voluntárias e buscar entender o que as levou a fazer parte de tal comunidade e se o contato direto com as produções culturais asiáticas (filmes e séries) desempenha algum papel na motivação delas em aprender outros idiomas e/ou aperfeiçoar os pares já usados para as traduções (inglês-português, por exemplo). Conseqüentemente, investigaremos se o fator cultural e a comunidade da qual fazem parte exercem algum papel dentro deste processo.

Para trabalhar melhor as noções de motivação e de afiliação cultural, bem como outros termos que se fazem presentes neste artigo, usaremos as próximas seções para aprofundar a ideia central desta pesquisa. Para tanto, começaremos contextualizando o(a) leitor(a) acerca da definição de “aprendizagem” usada nesta pesquisa e explicaremos o que é a comunidade de tradutores(as) que serviu para coleta de relatos de experiências para este projeto. Em seguida, descreveremos o método usado para nossa pesquisa, bem como o grupo de voluntárias que participaram dela. Depois avançaremos para a análise dos relatos de experiências coletados e a relação que eles têm com nosso objetivo de análise e com o arcabouço teórico deste trabalho. Por fim, tecemos nossas considerações finais a respeito dos resultados alcançados.

Aprendizagem e a comunidade de tradutores(as)

Para esclarecer melhor o objetivo deste trabalho, é importante que façamos uma distinção entre os termos “aquisição” e “aprendizagem” e como os relacionaremos a esta pesquisa em um contexto geral. Sigamos, então, com uma breve contextualização.

A aprendizagem, como ressalta Schütz (2018)⁵,

está ligado à abordagem tradicional ao ensino de línguas [...] é um processo progressivo e cumulativo, normalmente atrelado a um plano didático predeterminado, que inclui memorização de vocabulário e tem por objetivo proporcionar conhecimento metalinguístico.

⁴ Esta tradução, bem como todas as demais, é de nossa responsabilidade.

⁵ Disponível em: <https://www.sk.com.br/sk-laxll.html>

Em outras palavras, é um processo que pode ser vinculado ao contexto formal de aprendizagem facilmente observado em salas de aulas de escolas regulares e de idiomas. Ao passo que a “aprendizagem” seria um modelo mais tradicional no qual o(a) aprendiz recebe algum tipo de instrução por parte do(a) professor(a) ou de algum material didático, a “aquisição” é definida, ainda por Schütz (2018), como “processo de assimilação natural, intuitivo, subconsciente, fruto de interação em situações reais de convívio humano em ambientes da língua e da cultura estrangeira, em que o aprendiz participa como sujeito ativo”. Neste caso, a “aquisição” estaria relacionada à imersão ativa do(a) aprendiz em contextos em que a língua alvo é usada livremente.

Embora tenhamos uma diferenciação clara entre os termos, ressaltamos que faremos uso da palavra “aprendizagem” não apenas no contexto formal (professor(a)-material didático-aprendiz), mas no contexto informal também. Com informal nos referimos às investidas autônomas dos(as) aprendizes em favor do seu próprio processo de aprendizagem, afinal, nem todo aprendizado é estruturado e linear.

Dado o exposto acima, partamos para a contextualização acerca da comunidade que foi usada para a coleta de relatos de experiências para a tessitura deste texto. O *Rakuten Viki* é uma plataforma de *streaming* licenciada que conta com a colaboração de voluntários(as) de diversos países para a disponibilização de conteúdo midiático em várias línguas. A plataforma conta com assinantes de diversas partes do mundo, e seus voluntários(as) são tão variados(as) quanto.

A comunidade de voluntários(as) é hierarquicamente estabelecida, e todos seguem regras preestabelecidas pela plataforma e por seus representantes legais. Para esclarecer melhor essa hierarquia, apontaremos quais são os papéis que os(as) voluntários(as) podem assumir na comunidade, começando em ordem piramidal. Dentro de um canal⁶, o papel mais importante é o de “gerente de canal”, e essa pessoa fica responsável por recrutar, primeiro, a equipe de inglês e depois os moderadores de cada idioma.

A equipe de inglês é, geralmente, constituída por quatro pessoas que verificam a qualidade das legendas em inglês antes de liberarem para outros

⁶ Nomenclatura usada dentro da comunidade para se referir a um projeto. Um filme ou uma série, por exemplo, é um “canal”, e dentro dele atuam os(as) voluntários(as).

idiomas, sendo elas: a chefe de segmentação⁷, a revisora de tradução, a revisora geral e a revisora final. Os(As) moderadores(as), por sua vez, têm a tarefa de recrutar os(as) tradutores(as) e revisores(as) de seu próprio idioma. Um filme ou os episódios de uma série precisam passar por cada uma dessas pessoas antes de chegarem aos assinantes. É interessante ressaltar que, como retribuição pelo voluntariado, os membros da comunidade recebem um plano de assinatura especial que permite que assistam todos os projetos pelos quais teriam que pagar se não fossem voluntários(as).

A palavra “*Viki*” vem da junção dos termos “vídeo” e “*wiki*”, sendo que “*wiki*”⁸ é a nomenclatura utilizada para se referir aos *websites* que permitem a edição colaborativa de seu conteúdo e estrutura por parte de seus usuários. A título de exemplo, temos a “*wikipédia*”, que é uma enciclopédia *online* na qual os usuários colaboram mutuamente para criarem conteúdo sobre temas diversos.

É desse jogo de palavras que surge o lema do *Viki* enquanto uma plataforma responsável por, “junto com seus fãs, [...] remover as barreiras linguísticas e culturais que se colocam entre as grandes produções midiáticas e os fãs em todos os lugares”. Em outras palavras, o *Viki* se alia aos fãs de produções asiáticas e juntos desenvolvem legendas em diversos idiomas para que pessoas de todos os lugares possam assistir mesmo não falando a língua original da série ou filme. O *Viki* é uma plataforma mundialmente conhecida, e “[o] serviço é responsável pela distribuição de conteúdo midiático, principalmente da Ásia, como séries de televisão, filmes e programas de variedades da Coreia do Sul, Tailândia, Filipinas, Japão, Taiwan e China”⁹.

Para situar o(a) leitor(a) na área de concentração desta produção, vale mencionar que há várias pesquisas que se preocupam em tratar das questões culturais em contexto de aprendizagem de línguas. Podemos apontar, por exemplo, os trabalhos de Salomão (2015) e de Dourado e Poshar (2010).

Em sua pesquisa, Salomão (2015) investiga a questão do componente cultural no ensino e aprendizagem de línguas. Ela traça todo um percurso histórico do conceito de cultura e o desenvolve junto às teorias modernas da Linguística

⁷ Dentro da plataforma, “segmentação” é o nome do processo de criação e ajuste dos “balões” nos quais as legendas são colocadas para exibição em tela. É, basicamente, a etapa que garante que as legendas estão sincronizadas com as falas dos personagens. E é o único papel que não requer domínio de nenhum idioma estrangeiro.

⁸ Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/wiki>

⁹ Informações disponíveis em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Viki>

Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras. Seu trabalho defende a importância de não se associar uma língua a uma cultura e vice-versa, e procura apresentar maneiras para se inserir o componente cultural na educação linguística atual com o propósito de enfatizar a questão da (inter-)subjetividade dos aprendizes como integrantes ativos na diversidade e na emergência da cultura na interação com o outro.

Dourado e Poshar (2010), por sua vez, nos apresentam um trabalho pautado na análise de um livro didático de português como língua estrangeira e em como seus autores insistem em lidar com a língua e a cultura de forma dissociada e isolada. Elas defendem, em sua obra, a necessidade que autores de livros didáticos de Português do Brasil tem em se habituar com as tendências mais atuais da educação linguística que trabalham com a conscientização dos(as) aprendizes acerca das diferenças interculturais, bem como a questão da tolerância para com outras formas de se perceber e de se agir no mundo por meio da língua e da linguagem.

A ideia da nossa pesquisa, no entanto, parte da premissa de que os(as) voluntários(as) da plataforma podem, de alguma maneira, desenvolver algum interesse (afiliação) pela cultura e/ou pelo idioma presentes nos projetos que traduzem e, conseqüentemente, buscarem aprender mais (motivação) ou até mesmo iniciar uma jornada de aprendizagem do zero. A partir desta ideia e de tudo que foi apresentado até agora, abordaremos, nas próximas seções, a metodologia de pesquisa usada neste artigo, assim como a análise dos relatos coletados.

Relatos de experiências e voluntárias

A análise de conteúdo é a metodologia escolhida para este trabalho, pois nos valem de relatos de experiências coletados mediante um questionário previamente organizado. E como bem sabemos, a análise de conteúdo

descreve, analisa e interpreta as mensagens/enunciados de todas as formas de discurso, procurando ver o que está por detrás das palavras. Os discursos podem ser aqueles já dados nas diferentes formas de comunicação e interlocução bem como aqueles obtidos a partir de perguntas, via entrevistas e depoimentos. (SEVERINO, 2016, p.129)

Nossa pesquisa contou com a participação de 36 pessoas, todas mulheres. As participantes são tradutoras ativas no *Viki*, e algumas estão desenvolvendo este

trabalho voluntário há mais de 5 anos. A comunidade de tradutores(as) em si é vasta e conta com milhares de pessoas de diversas partes do mundo, mas optamos por trabalhar com um número reduzido de integrantes para garantir maior qualidade na análise de dados.

Os membros da comunidade tiveram que responder um total de 12 perguntas, perguntas essas que foram divididas em 4 blocos diferentes. Como a pesquisa foi feita com pessoas que possuem línguas maternas diferentes, o questionário foi desenvolvido em inglês, língua comum de interação geral dentro do *Viki*, mas as respostas poderiam ser redigidas tanto em inglês quanto em português. Para situar melhor quem se interessar por esta pesquisa, segue um breve resumo de cada bloco com as perguntas já traduzidas em português.

O bloco 1 visou coletar informações básicas sobre as voluntárias e como elas entendem o papel que desempenham dentro da plataforma. Este bloco contou com quatro perguntas, sendo elas: 1) Qual é o seu nome de usuário no *Viki*?; 2) Qual é a sua língua nativa?; 3) Há quanto tempo você é voluntária no *Viki*?; e 4) O *Viki* é uma comunidade global responsável por "remover as barreiras linguísticas e culturais que se colocam entre as grandes produções midiáticas e os fãs em todos os lugares". Levando isso em consideração, como você entende nosso papel de voluntariado dentro desta comunidade?

O bloco 2 pretendia investigar a motivação das participantes no aprendizado de línguas, e dispunha de três perguntas, sendo elas: 1) Você está aprendendo algum desses idiomas como língua estrangeira?¹⁰ 2) O *Viki* de alguma forma motivou você a aprender algum idioma estrangeiro? Discorra sobre isso; e 3) O que a motivou a começar a aprender a(s) língua(s) estrangeira(s) que está aprendendo atualmente?

O bloco 3, por sua vez, objetivou explorar a motivação das respondentes em atuar como tradutoras voluntárias. Este bloco elenca as seguintes perguntas: 1) Qual foi sua motivação para começar a ser voluntária no *Viki*? Sua motivação mudou com o tempo ou ainda é a mesma?; e 2) Atualmente, o que motiva você a escolher um projeto no qual trabalhar? (Gênero? País? Língua? Ou outra coisa?).

Com o propósito de averiguar como as respondentes viam as trocas culturais entre eles(as) e como entendiam este mesmo processo nas traduções que faziam, o

¹⁰ Uma lista com 15 idiomas foi apresentada para que as respondentes assinalassem. As opções de "Outro" e "Nenhum" também figuraram entre as escolhas.

bloco 4 levantou as seguintes questões: 1) Qual a sua relação com a cultura asiática e suas produções (séries, músicas e filmes, por exemplo)?; 2) Como voluntária no *Viki* (uma plataforma onde podemos conversar com pessoas do mundo todo), como você vê as trocas culturais entre os(as) colegas voluntários(as)? Ou você não vê nenhuma troca?; 3) No *Viki*, também podemos traduzir/editar/moderar uma variedade de séries/filmes asiáticos. Pensando nisso, você já se deparou com algum projeto que a motivou a conhecer mais sobre a cultura do país? Se sim, poderia falar sobre?

Antes de partirmos para a análise propriamente dita, se faz interessante apresentar alguns dados importantes sobre os membros da comunidade investigada. Faremos isso recorrendo a 3 figuras. A primeira nos mostra um panorama em relação às línguas maternas das respondentes, sendo um total de 10 idiomas diferentes. Como podemos notar a seguir, a maior parte delas tem o português como língua materna. Duas revelaram que seus idiomas maternos não figuravam na lista de escolha e outras quatro voluntárias declararam possuir mais de uma língua materna.

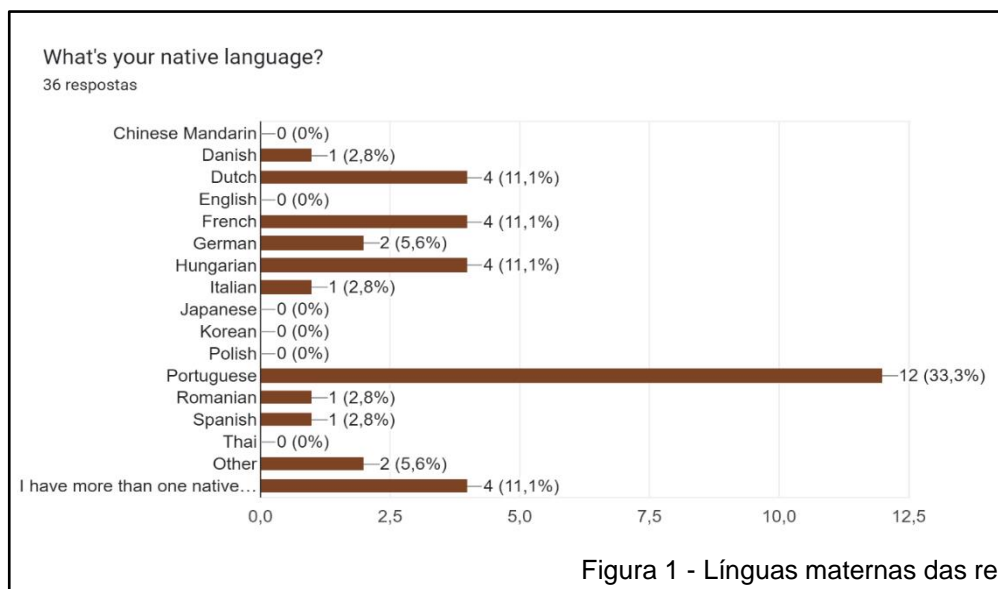
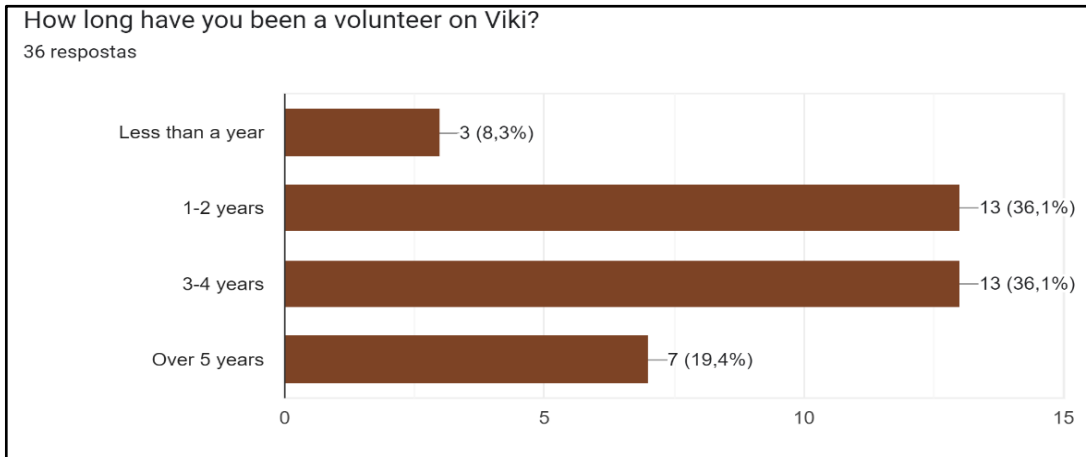


Figura 1 - Línguas maternas das respondentes

A segunda figura refere-se ao tempo de contribuição voluntária das participantes e, como podemos ver no gráfico a seguir, a menor parte delas está há menos de um ano, mas temos a mesma quantidade de repostas entre as voluntárias que estão entre um e dois anos e três e quatro anos. Mas também temos participantes mais experientes, e que estão na comunidade há mais de cinco anos.



A terceira e última figura está relacionada aos idiomas

que as voluntárias

Figura 2 - Tempo de voluntariado das respondentes

estudam como línguas adicionais¹¹. Como podemos notar, há muitas aprendizagens entre os idiomas asiáticos (coreano, mandarim, japonês e tailandês, respectivamente), ao passo que nove pessoas marcaram a língua inglesa (idioma fonte na tradução) como idioma de estudo.

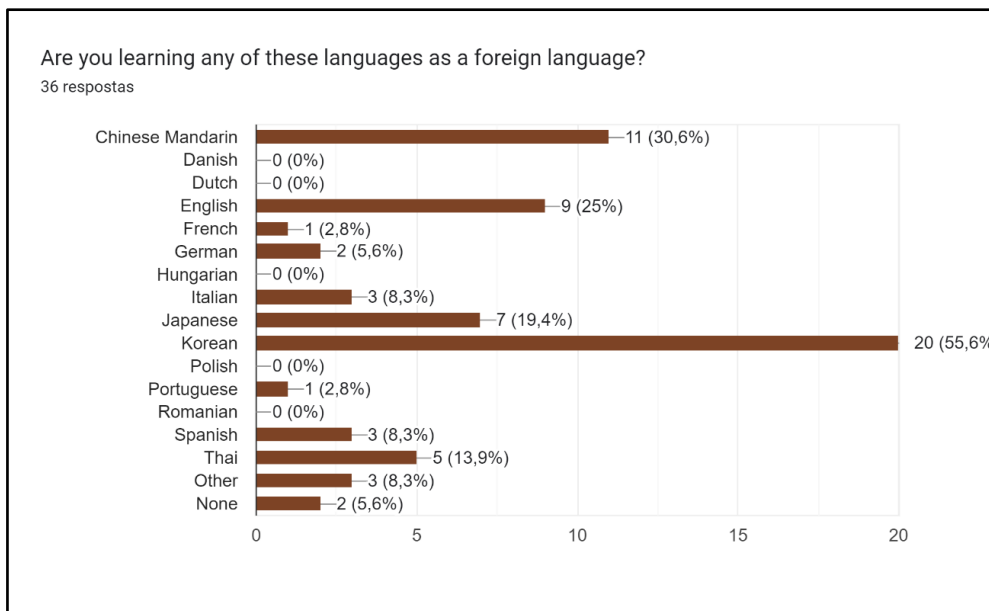


Figura 1 - Idiomas de estudo entre as respondentes

¹¹ Com “língua adicional” estamos nos referindo aos idiomas que elas estudam como língua estrangeira, ou seja, outros que não seus idiomas maternos.

As perguntas e dados acima serviram como propulsores para o nosso estudo e nos ajudaram a coletar uma quantidade expressiva de relatos acerca da afiliação, motivação e da aprendizagem de línguas estrangeiras dentro da plataforma. Na seção seguinte, faremos um aprofundamento teórico e analítico acerca desses temas por intermédio dos relatos fornecidos pelas voluntárias do *Viki*.

Análise e discussões acerca dos relatos

Comunidades iguais ao *Viki* são, em essência, lugares que acolhem pessoas de diferentes nacionalidades e com diferentes experiências de vida e, conseqüentemente, visões de mundo diferentes. Mas também é nítido que todas estão unidas por um propósito em comum, propósito esse que dá origem à comunidade da qual fazem parte. No caso do *Viki*, a criação colaborativa de legendas em diversos idiomas para produções midiáticas (filmes e séries) de origem asiática de forma totalmente voluntária.

Sobre o conceito de “comunidade”, Paiva nos lembra que “[u]ma comunidade consiste de um grupo de pessoas que têm algum interesse em comum – religioso, científico, político, cultural – e que buscam, em conjunto, atingir objetivos semelhantes” (2006, 1). Nossa plataforma de estudo se encaixa nesta definição pois, como estamos defendendo desde o começo deste trabalho, é um agrupamento de pessoas que visam contribuir com um projeto em coletivo. Wenger, McDermott e Snyder (2002, p. 4) acrescentam ao nosso trabalho ao trazerem o conceito de “comunidades de prática”. Eles dizem que as

comunidades de prática são grupos de pessoas que compartilham uma preocupação, um conjunto de problemas ou uma paixão por um tópico, e que aprofundam seus conhecimentos e expertise nessa área interagindo em uma base contínua.

Como apresentemos desde o começo, o *Viki* é uma comunidade de tradutores(as) voluntários(as) que usam o conhecimento linguístico que possuem para possibilitarem que mais pessoas tenham acesso às produções culturais (filmes e séries) asiáticas. Mas o voluntariado deles(as) vai bem além disso, pois

[e]ssas pessoas não necessariamente trabalham juntas todos os dias, mas se encontram porque encontram valor em suas interações. À medida que passam o tempo juntas, elas geralmente compartilham informações, percepções e conselhos. Elas se ajudam a resolver problemas. Elas discutem suas situações, suas aspirações e suas necessidades. (WENGER, MCDERMOTT e SNYDER, 2002, p. 4)

Pensar o *Viki* como uma comunidade de prática nos possibilita expandir os horizontes da pesquisa para um plano maior, já que o foco da plataforma é justamente o de reunir pessoas que não querem apenas legendar séries e filmes em suas línguas maternas, mas desenvolver uma rede de voluntários(as) que atuam, aprendem e evoluem juntos.

Tendo esta noção de “comunidade de prática” em mente, esta seção discorrerá sobre os dados coletados na pesquisa e quais são as semelhanças e diferenças na visão das participantes sobre afiliação cultural, motivação e aprendizagem de línguas. Uma boa parte dos relatos foram redigidos em língua inglesa, pois é o idioma de comunicação geral na plataforma, mas também traremos relatos em português.

Identificação e Papel de Voluntário(a)

Antes de mais nada, se faz importante mencionar qual é a visão das “*Vikians*¹²” acerca do papel delas dentro da plataforma. É uma forma interessante de compreender como se identificam no processo de voluntariado e em todo o sistema da comunidade da qual fazem parte.

Segundo Norton (NORTON, apud PAIVA, 2009, p.7), identidade é “[...] como uma pessoa entende sua relação com o mundo, como essa relação é construída através do tempo e espaço e como a pessoa vê as possibilidades para o futuro”. Aqui, como mencionamos, é como as participantes entendem sua relação com a comunidade de tradutores(as) voluntários(as) e de assinantes.

Embora o conceito de voluntariado possa variar de pessoa para pessoa, as respondentes da pesquisa mostraram ter uma ideia similar sobre o tema. Ao serem questionadas sobre como veem seu papel na comunidade, a maioria compartilha o seguinte:

Voluntária Francesa 2: *We're bringing dramas to those who don't speak English or Asian languages by translating them into our language.*¹³

¹² Nome geralmente usado para se referir aos membros da comunidade.

¹³ “Estamos trazendo dramas para aqueles que não falam inglês ou idiomas asiáticos ao traduzi-los para o nosso idioma”.

Boa parte das respostas mostra que o voluntariado é mais técnico, como é o caso do excerto acima, e destaca a responsabilidade da comunidade em disponibilizar séries e filmes para quem não fala inglês (língua na qual as legendas são disponibilizadas originalmente) ou algum idioma asiático (todos os projetos do Viki são de origem asiática).

Embora esta visão mais tecnicista seja a ideia inicial e mais difundida entre as tradutoras, temos alguns relatos que aprofundam mais as questões de identificação, como é o caso a seguir:

Voluntária Brasileira 2: *Entendo que meu principal papel como voluntária seja contribuir para que mais pessoas tenham acesso a um entretenimento de qualidade e a culturas com as quais talvez não tivessem contato, ou pelo menos não com tanta facilidade, não fosse por esse trabalho de legendagem. Pessoalmente, é uma forma de retribuir ao mundo aquilo que pude aprender, pensando especialmente em pessoas que, assim como eu um dia, querem consumir esse tipo de conteúdo, mas não dominam um segundo idioma para tal.*

Neste relato em específico, a voluntária não vê o papel de voluntariado como algo meramente tecnicista, uma vez que ela mostra um grau de identificação maior ao afirmar que quer usar o que aprendeu ao longo da vida para beneficiar pessoas que estão em uma posição na qual ela já esteve, ou seja, na posição de alguém que não tem acesso a determinado conteúdo por não falar um outro idioma.

O excerto a seguir é outro exemplo dessa visão mais aprofundada sobre o papel de tradução/legendagem dentro da plataforma:

Voluntária Francesa 3: *As French native, I think the purpose of our volunteering role is to make accessible and understandable content and cultures particularities to our respective language communities, when other platforms don't offer such dimension with their adjusted translation which fits the culture of the targeted viewers and remove the cultural essence of the civilization of the show that should be the most important thing to convey to fans. What I mean by that is: for the sake of the understanding of the show, viewers need to understand cultural habits and customs, so they can have a deep, right and full understanding of what they watch. I think it is a way to do justice to the quality contents the producers, actors, directors and other staff members who worked on the show bring to us.¹⁴*

¹⁴ “Como nativa do francês, acho que o objetivo do nosso papel voluntário é tornar o conteúdo e as particularidades culturais acessíveis e compreensíveis para nossas respectivas comunidades linguísticas, já que outras plataformas não oferecem essa dimensão com suas traduções ajustadas que se adaptam à cultura dos espectadores-alvo e retira a essência cultural do povo do programa, que deveria ser o mais importante a ser transmitido aos fãs. O que quero dizer com isso é: para a compreensão do programa, os telespectadores precisam entender os hábitos e costumes culturais, para que possam ter uma compreensão profunda, correta e completa do que assistem. Acho que é uma forma de fazer jus ao conteúdo de qualidade que os produtores, atores, diretores e demais funcionários que trabalharam na série trazem para nós”.

No exemplo acima, fica claro que a tradutora vê o papel dela muito além da simples disponibilização de legendas em seu idioma materno. Nota-se que ela destaca a importância de se manter a essência cultural das séries/filmes traduzidos, pois é importante que os telespectadores possam percebê-los e vivenciá-los enquanto assistem aos tais projetos. Ainda sobre a questão da identificação das tradutoras e como entendem seu papel de voluntariado, é importante entendermos que

[c]omunidades de prática estão por toda parte. Todos nós pertencemos a várias delas - no trabalho, na escola, em casa, em nossos hobbies. Algumas têm nome, outras não. Algumas nós reconhecemos, algumas permanecem em grande parte invisíveis. Somos membros centrais de algumas e participantes ocasionais de outras. (WENGER, MCDERMOTT e SNYDER, 2002, p. 5)

A perspectiva de que fazemos parte de várias comunidades de prática nos permite lançar um outro olhar sobre o *Viki*, no caso, um olhar que nos possibilita vê-lo como uma comunidade de prática que possui divisões. Usemos o próximo excerto para explicar melhor essa ideia:

Voluntária holandesa 1: *Well I started as a Dutch subber because I really liked the idea and I wanted other Dutch people to enjoy the Kdrama I liked as well. Now I'm not really subbing anymore. I'm more focused on Segmenting.*¹⁵

Como podemos perceber, a tradutora faz parte do *Viki* enquanto uma comunidade de prática geral e de outras duas comunidades distintas: a de tradução e a de segmentação. Quando começou seu voluntariado, era “membro central” da comunidade de tradução (tradução inglês-holandês, para ser mais específico), mas hoje é “membro central” na comunidade de segmentação e segue como “participante ocasional” na de tradução.

Aprofundando um pouco mais nesta ideia de divisões, nos vem à mente as comunidades linguísticas, pois, embora o inglês seja a língua oficial de comunicação dentro da plataforma, há voluntários(as) de muitos países diferentes. Sendo assim, um membro da comunidade brasileira, por exemplo, tem acesso irrestrito aos participantes de sua comunidade e suas trocas, mas não tem o mesmo acesso às demais comunidades. Mas um(a) voluntário(a) que fala mais de três idiomas terá

¹⁵ “Bem, comecei como tradutora de holandês porque gostei muito da ideia e queria que outros holandeses também aproveitassem os K-dramas que eu gostava. Agora não estou mais legendando tanto. Estou mais focada na segmentação”.

acesso a mais comunidades linguísticas e suas trocas. Em outras palavras, o *Viki* é uma comunidade de prática que se divide em várias outras (linguística, de posição etc.) e que possibilita que seus membros transitem entre elas, podendo, inclusive, serem “membros centrais ou ocasionais” de cada uma delas.

Como sabemos, “[a] identidade engloba uma série de características sociais e de personalidade que emergem da interação entre as características pessoais e os outros agentes do sistema complexo social” (PAIVA, 2009, p.7). Em outras palavras, a maneira com a qual cada voluntária entende sua função dentro da comunidade e, por conseguinte, se identifica como tal, pode variar de pessoa para pessoa a depender de suas experiências e contato com outros membros da própria comunidade.

Embora essa divergência se faça presente, é consenso que o papel principal é o de possibilitar que outras pessoas assistam séries e filmes asiáticos sem precisarem aprender inglês ou uma língua asiática. O cuidado com os aspectos culturais também se mostra presente entre boa parte das repostas das voluntárias.

O Papel da Afiliação Cultural

Como bem sabemos, aprender um novo idioma demanda muita dedicação, tempo e exposição ao idioma, mas outro ponto que necessita de igual atenção é a questão dos aspectos culturais de uma língua, e é aqui que inserimos a ideia de afiliação cultural.

Paiva nos explica que a “[a]filiação corresponderia ao grau de relacionamento com a cultura da segunda língua ou com falantes dessa língua e a construção de identidades” (2009, p. 6). Levando isto em consideração, podemos supor que o interesse no estilo de vida, costumes, culinária e até mesmo nas produções culturais (músicas, livros, filmes, séries etc.) de determinada comunidade de fala pode ser aliado no processo de aprendizagem ao despertar curiosidade e interesse por parte dos(as) aprendizes.

Nos trechos a seguir veremos como a afiliação se manifesta no relato das participantes desta pesquisa.

Voluntária brasileira 2: [...] posso dizer que já há mais de uma década as produções culturais asiáticas são de meu interesse e têm relação direta com minha identidade, eu diria. Comecei como otaku, consumindo muitos mangás e animes japoneses, isso me levou a ter contato com música pop asiática (não só

japonesa), depois vieram os dramas a somar. Mesmo em momentos em que estive mais voltada à cultura ocidental, a asiática sempre esteve de alguma forma presente. Atualmente, todos os dias é garantido que terei algum contato com essas produções, seja ouvindo música ao longo do dia, assistindo a alguma série ou anime e acompanhando esses temas nas redes sociais também.

Este primeiro relato (voluntária brasileira 2) nos mostra exatamente o que Paiva nos apresenta sobre “construção de identidades”, uma vez que a própria voluntária menciona que as produções asiáticas fazem parte de sua realidade há mais de uma década e, por conseguinte, corroboraram na construção de sua identidade. Como podemos ver, o contato dela foi de forma gradativa, começou apenas no consumo de mangás e animes japoneses e hoje se manifesta em seu cotidiano de diversas outras maneiras.

Voluntária dinamarquesa 1: *I have always loved the culture, the food and movies/series, music came later. I fell in love with the series and movies when I was like.. 10-14 years old and the food before that.. I had some Asian friends and they introduced me to some different things in their cultures.*¹⁶

Voluntária espanhola 1: *Started with only music (k-pop and c-pop) and now most part of my time I spend it learning more about asian countries, specially food, I really want to enjoy those recipes I see on some dramas.*¹⁷

Os dois excertos acima nos mostram outras duas manifestações diferentes de afiliação às produções culturais asiáticas. Temos, no primeiro, alguém que se interessa pela questão desde muito cedo e que teve o privilégio de ter contato com pessoas de diferentes culturas e que compartilharam com ela essas questões. No segundo excerto temos alguém que afirma passar a maior parte do tempo aprendendo mais sobre países asiáticos e que demonstra um apreço maior em aprender mais sobre a culinária oriental para poder fazer as receitas que vê nas séries que assiste.

Nos dois fragmentos seguintes vemos mais duas outras formas e níveis de afiliação. No primeiro, temos outro exemplo de alguém que demonstrou interesse pela cultura asiática ainda bem jovem, mas, diferente das outras voluntárias que vimos até o momento, não se interessa apenas pelos pontos que considera “atraentes”, mas também procura entender o lado negativo e os problemas sociais das produções culturais que consome. O segundo fragmento, por sua vez, nos

¹⁶ “Sempre adorei a cultura, a comida e os filmes/séries, a música veio depois. Eu me apaixonei pelas séries e filmes quando eu tinha, tipo... 10-14 anos e com a comida foi antes disso... Eu tinha alguns amigos asiáticos e eles me apresentaram algumas coisas diferentes em suas culturas”.

¹⁷ “Comecei apenas com música (k-pop e c-pop) e agora passo a maior parte do meu tempo aprendendo mais sobre os países asiáticos, especialmente sobre a comida, quero muito desfrutar daquelas receitas que vejo em alguns dramas”.

apresenta um nível mais “extremista” em relação aos demais, uma vez que a voluntária diz já não ter mais tanto contato com músicas ocidentais e que sempre prefere assistir produções coreanas e tailandesas.

Voluntária holandesa 2: *I've been interested in Asian culture since I was little and have been consuming Asian content since my childhood / teens. This only increased since then, well into adulthood. Although, I also try to keep up to date with the negative sides of Asian entertainment and the social issues surrounding it.*¹⁸

Voluntária alemã 1: *I honestly almost don't listen to western music anymore, and even on Netflix, I often only watch the Korean dramas. I'm so absorbed into all things Korean and Thai right now.*¹⁹

É sabido que a afiliação, em outras palavras, o interesse, curiosidade e ligação com a cultura de outrem, desempenha um forte papel no processo de aprendizagem, pois entender a cultura em suas diversas facetas garante uma compreensão maior acerca do uso da própria língua. Usemos o próximo relato como exemplo:

Voluntária brasileira 7: *Os primeiros dramas que vi no viki foram os que mais me motivaram a conhecer a Coreia do Sul. No início eu não sabia o significado de unni ou oppa e pela curiosidade fui pesquisar mais sobre a hierarquia das idades na Coreia. Não acho justo essa hierarquia, mas é uma questão cultural de lá. Sendo assim, devo apenas respeitar.*

O extrato acima nos apresenta uma voluntária que se mostrou interessada em entender o lado social e cultural da linguagem, uma vez que buscou compreender como a língua coreana é usada no dia a dia e como a forma de uso difere conforme *status* social e idade das pessoas com quem falamos.

As línguas asiáticas, em específico, trazem toda uma complexidade hierárquica em seu uso cotidiano, e saber essas nuances linguísticas é importante para que consigamos atingir certo nível de compreensão e fluência no idioma. A título de exemplo, podemos citar os honoríficos (como é o caso de *unni* e *oppa*²⁰,

¹⁸ “Me interesso pela cultura asiática desde pequena e consumo conteúdo asiático desde a infância/adolescência. Isso só aumentou desde então, até a idade adulta. Contudo, eu também tento me manter atualizada sobre os lados negativos do entretenimento asiático e as questões sociais que o cercam”.

¹⁹ “Para ser sincera, quase não ouço mais música ocidental e, mesmo na Netflix, muitas vezes só assisto aos dramas coreanos. Estou muito envolvida com tudo que é coreano e tailandês agora”.

²⁰ “*Unni*” e “*oppa*” significam, respectivamente, “irmã mais velha” e “irmão mais velho”. Ambos são usados apenas por mulheres e podem ser usados para se referirem aos amigos e amigas mais velhos, não apenas às pessoas de laços sanguíneos.

citados pela tradutora), e os níveis de formalidade (formal ou informal) que são tão naturais nas interações sociais cotidianas. A voluntária ainda chega a mencionar que discorda da “hierarquia das idades na Coreia”, embora entenda que é uma questão cultural do país e por isso a respeita. Presumimos que a discordância dela venha do fato de que a tal “hierarquia” prega certo grau de “submissão” por parte dos mais novos, ao passo que coloca os mais velhos em posição de respeito inquestionável.

Após discutirmos sobre a questão da afiliação e grau de interesse de algumas tradutoras para com a cultura e as produções culturais de determinados países, partamos para a última subseção. Nesta subseção analisaremos especificamente como o *Viki* desempenhou ou desempenha participação, junto à afiliação, na motivação das tradutoras em aprender ou aperfeiçoar algum idioma estrangeiro. Para tanto, continuaremos usando os relatos coletados na pesquisa que deu origem a este escrito.

Viki, Motivação e Aprendizagem de Línguas

Como já vimos no decorrer deste trabalho, a motivação está, de certo modo, atrelada ao motivo pelo qual alguém decide fazer algo e ao nível de tempo e empenho despendidos na atividade. Com isso em mente, vamos aprofundar um pouco mais nosso estudo ao nos debruçarmos sobre duas distinções dentro do próprio conceito de motivação: as motivações intrínseca e extrínseca.

Com base em Dörnyei e Ushioda (2011), discorreremos sobre essas duas vertentes da motivação ao passo que analisaremos alguns dos relatos coletados previamente. Esta subseção apresentará exclusivamente os relatos que estão ligados às motivações intrínseca e extrínseca, ao aprendizado de línguas estrangeiras e ao papel do *Viki* nesse processo.

No que concerne às motivações intrínseca e extrínseca, Dörnyei e Ushioda dizem que

[a] primeira trata do comportamento realizado por si só, a fim de experimentar prazer e satisfação, como as alegrias de fazer uma determinada atividade ou satisfazer a curiosidade de alguém. A segunda envolve a realização de um comportamento como um meio para algum fim separável, como receber uma recompensa externa (por exemplo, boas notas) ou evitar punição. (DÖRNEY e USHIODA, 2011, p. 4)

Podemos considerar que a motivação intrínseca parte diretamente do próprio sujeito e do seu prazer e satisfação em realizar a atividade, como um hobby, por

exemplo. Já a motivação extrínseca surge a partir de um estímulo externo ao sujeito, tal como a necessidade de se performar uma atividade para cumprir um prazo estipulado por outra pessoa.

Quando as tradutoras foram questionadas sobre qual era a motivação por trás do voluntariado e do interesse delas em aprender/aperfeiçoar as línguas estrangeiras que estavam estudando no momento, respostas diversas surgiram. Algumas são facilmente vinculadas à motivação intrínseca e outras à motivação extrínseca, mas também notamos respostas que podem ser vinculadas aos dois conceitos, afinal, um não necessariamente exclui o outro. Com isso queremos expressar que um indivíduo pode começar a, por exemplo, aprender um idioma estrangeiro para alcançar mais oportunidades no trabalho (motivação extrínseca) e acabar gostando do idioma, ao passo que alguém pode se dedicar ao aprendizado do mesmo idioma por diversão (motivação intrínseca) e acabar associando a tarefa ao trabalho.

Os dois extratos a seguir nos mostram a motivação extrínseca das tradutoras ao destacarem que suas motivações na aprendizagem de idiomas estão vinculadas ao trabalho ou ao fato da língua em questão ser falada por muitas pessoas.

Voluntária brasileira 1: *I work with tourism.*²¹

Voluntária húngara 11: *Well, now I am learning Chinese. As I can see, lot of people speaking this languages beside English, so I think for my future might be good to know at least basic from this language.*²²

A primeira voluntária é bem direta ao frisar que sua motivação é exclusivamente o trabalho com turismo. A segunda voluntária, como podemos ver, tem sua motivação extrínseca baseada solenemente no número de falantes e na possibilidade de que dominar um pouco da língua vá trazer benefícios no futuro.

O extrato seguinte nos mostra a motivação intrínseca da tradutora em aprender o coreano como um hobby, unindo isso ao seu interesse pelas séries sul-coreanas.

Voluntária alemã: *My interest in Korea that has developed immensely by watching K-Dramas was the first motivator. Then, later on, while contributing, I often had the thought how nice it would be to understand and speak the language*

²¹ “Eu trabalho com turismo”.

²² “Bem, agora estou aprendendo chinês. Como posso ver, muitas pessoas falam esse idioma além do inglês, então acho que saber pelo menos o básico desse idioma pode ser bom para o meu futuro”.

itself, so I don't have to solely rely on the English subtitles to translate into German. I also didn't have a hobby then, so I finally found something to do "just for me."²³

Os dois extratos que se seguem nos mostram uma mistura entre as motivações intrínseca e extrínseca, porque podemos ver que as voluntárias estudam a língua inglesa e espanhola por causa de motivos externos (comunicação diária, trabalho e morar em outro país) e internos (uma estuda chinês, coreano e tailandês para assistir as séries favoritas sem legendas e a outra estuda inglês para aprender a fazer traduções com os pares inglês-italiano).

Voluntária francesa 1: *English: work and universal discution, Chinese, Korean and Thai: watch drama without subtitle (depends on the language but it's not perfect) and Spanish: live in Barcelona.²⁴*

Voluntária italiana 1: *Making practical use of it, I'm focusing on English because I use it everyday. I would also like to learn to subtitle from English to Italian.²⁵*

Como mencionamos antes, uma motivação não exclui a outra, então uma pessoa pode se engajar em determinada atividade por conta de uma motivação específica e, ao longo do trajeto, mudar essa motivação.

Coletamos diversos relatos acerca do papel do *Viki* nessa motivação das voluntárias em começar (ou continuar) a estudar alguma língua estrangeira, e boa parte desses relatos dizem que a plataforma de tradução desempenhou papel significativo na questão. A título de exemplo, vejamos dois comentários:

Voluntária brasileira 2: *De certa forma, sim. Foi no Viki que acabei dedicando mais tempo a assistir dramas chineses e foram esses que me deixaram apaixonada pela China e sua cultura, o que me levou a estudar o idioma. Além disso, o voluntariado me motiva a continuar aprendendo inglês (e até mesmo português), e serve de recurso para que eu mantenha os poucos conhecimentos em língua japonesa vivos na memória.*

Voluntária brasileira 5: *Eu gostava da China, mas nunca me interessei tanto quanto depois que entrei na comunidade. Peguei meu primeiro projeto em chinês de um drama histórico e me apaixonei, pois senti que a cultura deles era muito maior e mais complexa do que eu conhecia e isso me motivou a estudar mais sobre o país e toda sua história.*

²³ “Meu interesse pela Coreia, que se desenvolveu muito ao assistir K-Dramas, foi o primeiro motivador. Então, mais tarde, enquanto contribuía, muitas vezes pensei em como seria bom entender e falar o próprio idioma, assim não precisaria confiar apenas nas legendas em inglês para traduzir para o alemão. Eu também não tinha um hobby na época, então finalmente encontrei algo para fazer ‘só para mim’”.

²⁴ “Inglês: trabalho e comunicação universal. Chinês, coreano e tailandês: assistir dramas sem legendas (depende do idioma, mas não de forma perfeita) e espanhol: morar em Barcelona”.

²⁵ “Fazer uso prático dele, estou focando no inglês porque eu o uso todos os dias. Também gostaria de aprender a legendar do inglês para o italiano”.

Como pudemos ver nesta subseção, há uma grande conexão entre o papel voluntário das tradutoras e suas motivações para aprender e/ou aprimorar línguas estrangeiras. A afiliação cultural se mostrou presente em toda a pesquisa, dado que as voluntárias se interessam grandemente em aprender mais sobre a cultura dos países asiáticos, em específico, dos países com os quais têm contato por meio das traduções. As afiliações e as motivações das participantes mostram que o aprendizado de idiomas está presente e avança consideravelmente dentro da comunidade.

Considerações finais

Este artigo visou analisar diretamente relatos de aprendizagem de tradutoras voluntárias e investigar de que forma a afiliação cultural e o voluntariado auxiliaram ou contribuíram para a motivação delas em aprender e/ou aperfeiçoar determinado idioma estrangeiro.

Como podemos ver nos relatos apresentados ao longo deste trabalho, as voluntárias demonstram motivações diversas para aprender idiomas estrangeiros e para atuarem na plataforma, mas todas apresentam uma afiliação muito grande às produções culturais que traduzem e aos idiomas originais dessas produções. E pudemos constatar que o *Viki* teve dois papéis diferentes nesse processo: 1) Motivou, por meio da possibilidade de voluntariado e de suas produções, que as tradutoras se afiliassem à cultura de determinado país e, por conseguinte, começassem a aprender o idioma falado nesse país; 2) Não motivou que as tradutoras aprendessem um determinado idioma, mas contribuiu para que aprofundassem o conhecimento nos idiomas que já estudavam.

Seja por hobby, por curiosidade ou para desenvolvimento linguístico e profissional, é certo que todas as participantes se unem para fazer o lema do *Viki* valer e juntas removem “as barreiras linguísticas e culturais que se colocam entre as grandes produções midiáticas e os fãs em todos os lugares”. E muitas veem nesse processo uma grande oportunidade para aprimorarem seu conhecimento linguístico nos idiomas que utilizam para tradução, afinal, “[a]filiações com a segunda língua funcionam como um potente combustível que move o sistema de ASL” (PAIVA, 2009, 6).

Referências

DÖRNYEI, Z. USHIODA, E. *Teaching and researching motivation*. England: Longman, 2011.

DOURADO, M. R. S.; POSHAR, H. A. Língua e cultura no contexto de Português como Língua Estrangeira. In: SANTOS, P.; ALVAREZ, M. L. O. (Org.). *A cultura na educação linguística no mundo globalizado*. 1ª ed. Campinas: Pontes, 2010, v., p. 33-52.

LEFFA, V. J. Quando menos é mais: a autonomia na aprendizagem de línguas. In: NICOLAIDES, C.; MOZZILLO, I.; PACHALSKI, L.; MACHADO, M.; FERNANDES, V. (Orgs.). *O desenvolvimento da autonomia no ambiente de aprendizagem de línguas estrangeiras*. Pelotas: UFPEL, 2003, p. 33-49.

PAIVA, V. L. M. O. *Aquisição de segunda língua*. São Paulo: parábola Editorial, 2014.

_____. Como o sujeito vê a aquisição de segunda língua. In: CORTINA, A.; NASSER. S.M.G.C. *Sujeito e Linguagem*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, p. 29-46.

_____. Comunidades virtuais de aprendizagem e colaboração. In: TRAVAGLIA, L.C. *Encontro na Linguagem: estudos lingüísticos e literários*. Uberlândia: UFU, 2006, p. 127-154.

SALOMÃO, A. C. B. *O componente cultural no ensino e aprendizagem de línguas: desenvolvimento histórico e perspectivas na contemporaneidade*. Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 54, p. 361-392, 2015.

SCHÜTZ, R. E. *Assimilação Natural x Ensino Formal*. 2011 Disponível em: <https://www.sk.com.br/sk-laxll.html>. Acesso em 12 de junho de 2022.

Viki. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Viki>. Acesso em 20 de agosto de 2022.

WENGER, E.; MCDERMOTT, R. A.; SNYDER, W. *Cultivating communities of practice: a guide to managing knowledge*. Boston, MA, USA: Harvard Business School, 2002.

What is Viki? Disponível em: <https://support.viki.com/hc/en-us/articles/200138964-What-is-Viki->. Acesso em 20 de agosto de 2022.